VOZES DE MULHERES: A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DA LEITURA EM CONTEXTO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

WOMEN'S VOICES: THE AESTHETIC EXPERIENCE OF READING IN A CONTEXT OF IMPRISONMENT

Thays Carvalho Cesar¹, Maria de Lourdes Rossi Remenche²

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, PR, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0001-6529-7309>
thays.carvalhoc@yahoo.com.br

² Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, PR, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0003-3283-9890>
mremenche@professores.utfpr.edu.br

Recebido em 25 jan. 2024

Aceito em 04 abr. 2024

Resumo: O presente estudo faz uma reflexão sobre como as práticas de leitura contribuem para ressignificar as experiências de mulheres em privação de liberdade no espaço-tempo do Centro de Integração Social de Piraquara. A análise, de caráter qualitativo-interpretativista, considera as práticas sociais contextualizadas no âmbito das ciências sociais. A abordagem teórico-metodológica está ancorada na concepção dialógica da linguagem, elaborada pelo Círculo de Bakhtin (Bakhtin 2011, 2014, 2015; Volóchinov 2021, Amorim, 2004), para a leitura como experiência estética, mobilizamos as ideias de Jauss, 1994; Yunes, 1995; Iser, 1999 (a, b,c) e Zilberman, 2001. O corpus de análise constitui-se de 4 (quatro) textos coletados em oficinas de leitura realizadas na unidade prisional e consideram a leitura como experiência estética. Os resultados da análise revelam que a leitura, em ambientes de privação de liberdade, não só promove um ordenamento do caos em que vivem as leitoras, como também se constitui em exercício de liberdade, apesar da restrição espacial. Relações intertextuais, dubiedade de intenções das leitoras e alteridade recuperam a dimensão interativa da ação humana e promovem a produção de sentidos em um processo permanente e descentralizado que proporciona a experiência estética e a expressão pessoal das participantes da pesquisa. Embora a leitura por si só não tenha o poder de transformar a sociedade, ela concede às leitoras privadas de liberdade o direito elementar de se expressarem livremente, registrar suas memórias e (re)significar suas experiências pessoais.

Palavras-chave: Leitura. Experiência estética. Alteridade. Expressão pessoal. Privação de liberdade.

Abstract: This study reflects on how reading practices contribute to giving new meaning to the experiences of women deprived of freedom in the space-time of the Piraquara Social Integration Center. The analysis, of a qualitative-interpretivist nature, considers social practices contextualized within the scope of social sciences. The theoretical-methodological approach is anchored in the dialogical conception of language, developed by the Bakhtin Circle (Bakhtin 2011, 2014, 2015; Volóchinov 2021, Amorim, 2004), for reading as an aesthetic experience, we mobilize the ideas of Jauss, 1994; Yunes, 1995; Iser, 1999 (a, b,c) and Zilberman, 2001. The corpus of analysis consists of 4 (four) texts collected in reading workshops held in the prison unit and consider reading as an aesthetic experience. The results of the analysis reveal that reading, in environments of deprivation of freedom, not only promotes an ordering of the chaos in which readers live, but also constitutes an exercise of freedom, despite spatial restrictions. Intertextual relationships, dubious intentions of readers and otherness recover the interactive dimension of human action and promote the production of meaning in a permanent and decentralized process that provides the aesthetic experience and personal expression of research participants. Although reading alone does not have the power to transform society, it grants readers deprived of their freedom the elementary right to express themselves freely, record their memories and resignify their personal experiences.

Keywords: Reading. Aesthetic experience. Alterity. Personal expression. Imprisonment.

INTRODUÇÃO

No sistema penal brasileiro destaca-se a alta porcentagem de mulheres encarceradas no Brasil pela ligação com drogas e, nesse contexto, reforça-se o estigma de transgressora, a discriminação e o abandono por parte da família e da sociedade. A prática da leitura no sistema prisional assume papel de destaque no processo de (re)significação das experiências dessas mulheres, pois mobiliza aspectos históricos, políticos, pessoais e sociais que dialogam com visões cotidianas e com o pensamento humano em tempos e lugares diversos.

Nesse cenário, a presente pesquisa¹ aborda a leitura em contexto de privação de liberdade² e tem como objeto a análise de práticas de leitura e suas contribuições para significar experiências e interações sociais no espaço-tempo de uma unidade prisional feminina da Região Metropolitana de Curitiba.

Nossa abordagem situa-se na Linguística Aplicada (LA), uma vez que são relevantes à LA estudos que visam à produção do conhecimento de pessoas oprimidas, silenciadas e excluídas socialmente, como é o caso do objeto deste trabalho que analisa dados produzidos por mulheres privadas de liberdade e se apropria do arcabouço teórico da Linguística Aplicada para “produzir conhecimento na luta contra políticas de morte, de exclusão social, de apagamento da diferença” (Alencar, 2022, p. 9), já que o domínio da linguagem tem um poder substancial para o enfrentamento das injustiças e diferenças sociais.

Nesse sentido, a realização desta pesquisa justifica-se pela necessidade de analisar de que forma as leituras contribuem para significar as experiências e as interações sociais no espaço-tempo da unidade prisional, pois desde abril de 2008, o Departamento Penitenciário Nacional (DEPPEN) do Ministério da Justiça aprovou, em parceria com os 27 estados da federação, o Plano Diretor do Sistema Penitenciário.³

¹ Este estudo vincula-se à linha à área de concentração “Linguagem e Tecnologia”, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da UTFPR e do Grupo de Pesquisa em Linguística Aplicada (GRUPLA)¹.

² Os dados do Departamento Penitenciário Nacional (DEPPEN), extraídos do SISDEPEN,² apontam para uma população carcerária brasileira que ultrapassa 700 mil pessoas, superando as, aproximadamente, 450 mil vagas em presídios.

³ O Plano Diretor do Sistema Penitenciário contém 23 metas e busca reiterar o compromisso dos estados com o investimento em ações de âmbito político e administrativo, almejando como resultado um sistema mais humano, seguro e que atenda à legalidade quanto ao tratamento básico a ser dispensado à pessoa encarcerada (Ministério da Justiça, 2008).

Para este estudo, de caráter qualitativo-interpretativista, consideramos a leitura como atividade complexa que mobiliza o compartilhamento dos sentidos de uma sociedade, ou seja, ler é um ato concreto, observável, uma operação de percepção e de identificação dos signos (Jouve, 2002). Depois que o leitor percebe os signos, ele busca entendê-los por meio de um esforço de abstração, ou seja, de uma atividade cognitiva que o auxilia tanto na compreensão textual quanto na progressão da leitura e “Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez, sobretudo – sobre sua afetividade” (Jouve, 2002, p. 13), visto que as emoções e o engajamento afetivo constituem o estímulo principal para a leitura em geral.

Nessa perspectiva, o engajamento afetivo é parte constituinte da leitura como experiência estética, tendo em vista que o ato de ler promove outras formas de interação entre o leitor e a realidade, pois integra um processo significativo e emancipador, contribuindo para a construção de sentidos diante do que nos é dado a olhar, ler e significar. Assim, o exercício da leitura como experiência estética se dá por meio de histórias que não são simplesmente ouvidas ou lidas, mas escutadas e ressignificadas.

A leitura é produzida por meio dos sentimentos, das emoções, das memórias, das ideias decorrentes das experiências, dos saberes e representações pessoais que o leitor possui de si mesmo, do texto e do mundo e é sempre uma vivência singular, decorrente do “relacionamento” entre o leitor e o texto (e, implicitamente, com seu autor), em um determinado momento e lugar. Nesse contexto, o sentido não está pronto, nem dentro do texto, nem dentro do leitor, mas é produzido na interação, ou seja, na prática leitora

A partir dessa concepção, nosso estudo propõe a análise de uma situação específica e, para gerar os dados do *corpus*, foram realizados 8 encontros com 15 mulheres privadas de liberdade no Centro de Integração Social da Penitenciária Feminina de Piraquara (CIS), situado na região metropolitana de Curitiba/PR. Cada um dos encontros teve duração de 1h30, e foi realizado entre os dias 07 e 23/11/2022 (sete e vinte e três de novembro de dois mil e vinte e dois), todos gravados em áudio, a fim de coletar o maior número de elementos para respaldar a análise do corpus. Em

cada oficina, um gênero discursivo⁴ foi apresentado às leitoras e serviu como motivador para a mediação. Foram trabalhados os gêneros conto, crônica, carta, música e animação a partir dos quais foram produzidos os 4 textos que constituem o *corpus* de análise. Na próxima seção, apresentaremos a discussão teórica que sustentou nosso percurso de análise.

MULHER, LEITURA E PRISÃO: UM MUNDO SUSPENSO

Há mais de sessenta anos, a filósofa Simone de Beauvoir causou espanto à comunidade científica com a frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Desde que tal sentença foi proferida, mulheres das mais diversas posições sociais passaram a repeti-la para indicar que seu modo de ser e estar no mundo não decorre “de um ato único, inaugural, mas que, em vez disso, constituía-se numa construção” (Louro, 2008 p. 17). Deste modo, fazer-se mulher dependia de comportamentos, preferências e dos “desgostos” que lhe eram ensinados de acordo com as normas e valores de uma determinada cultura.

A frase da filósofa permanece viva no imaginário social e, desde a publicação de *O Segundo Sexo* (1980), a formação da identidade feminina sofreu uma transformação e diversificação significativa. Nos domínios das ciências humanas, inúmeras discussões foram travadas a respeito da constituição do sujeito feminino e há um consenso de que a construção da identidade de gênero e da sexualidade se dá ao longo da vida, em um processo contínuo e infundável. Nesse contexto, nada é puramente natural ou predeterminado. Em vez disso, esses elementos se constituem no âmbito da cultura.

Ao longo de toda a vida, instâncias e espaços sociais tem o “poder de decidir e inscrever” nos corpos femininos as marcas e as normas que devem ser seguidas. “Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes deste processo constitutivo” (Louro, 2008. p. 18). Diante disso,

⁴ O gênero discursivo define-se como um tipo relativamente estável de enunciados. Através dele, diferentes domínios da atividade humana, com suas condições e finalidades, encontram-se refletidos no enunciado: pelo conteúdo temático, o estilo da linguagem e a forma composicional (Amorim, 2004 p. 109).

é possível tomar não só as prisões, mas a sociedade, como uma instância de poder pronta para ditar as normas. Conforme discorre Louro (2008):

A norma, ensina-nos Foucault, está inscrita entre as “artes de julgar”, ela é um princípio de comparação. Sabemos que tem relação com o poder, mas sua relação não se dá pelo uso da força, e sim por meio de uma espécie de lógica que se poderia quase dizer que é invisível, insidiosa (Ewald, 1993). A norma não emana de um único lugar, não é enunciada por um soberano, mas, em vez disso, está em toda parte. Expressa-se por meio de recomendações repetidas e observadas cotidianamente, que servem de referência a todos. Daí por que a norma se faz penetrante, daí por que ela é capaz de se “naturalizar” (Louro, 2008 p. 22)

Dessa forma, a norma não preexiste nos corpos dos indivíduos, mas é atribuída a um sujeito, um corpo ou uma prática, quando relacionamos este sujeito a outro tomado como referência. Portanto, a posição do homem branco heterossexual, de classe média urbana, foi construída, historicamente, como a posição de sujeito ou a identidade referência. Isso, por sua vez, resultou em todas as outras identidades sendo percebidas como diferentes dessa norma. “A posição normal é, de algum modo, onipresente, sempre presumida e não é preciso mencioná-la. Marcadas são as identidades que dela diferirem” (Louro, 2008 p. 22).

Frequentemente, as marcas da diferença entre homens e mulheres são inscritas e reinscritas pelas políticas e pelos saberes legitimados, reiteradas pelas práticas sociais e pedagogias culturais. Deste modo, é no interior de uma determinada cultura que uma prática adquire significado.

A influência do sistema patriarcal é ainda muito presente na sociedade e sabe-se que o sistema prisional foi pensado por homens e, sobretudo, para homens. Contudo, com o surgimento e aumento da criminalidade feminina, as instituições precisaram se adaptar ao novo público, criando espaços exclusivos para mulheres e dando a elas condições de “cumprirem pena em estabelecimento próprio, observando-se os deveres e direitos inerentes à sua condição pessoal” (Brasil, 1984).⁵ No entanto, apesar dos dispositivos legais, ainda são muitos os desafios do feminino no cárcere, uma vez que, ao ingressarem no sistema prisional, as mulheres enfrentam outros problemas além dos que acometem a população prisional masculina.

Sendo assim, para refletir sobre a importância da leitura em contexto de privação de liberdade e sobre o impacto que esta pode ter sobre as leitoras, precisamos

⁵ Texto do artigo 37 da Lei 7209/84 | Lei nº 7.209, de 11 de julho de 1984

considerar que o sentido de um texto é construído a partir da interação dos sujeitos com os textos, pois eles constroem o significado considerando informações explícitas e implícitas, de forma ativa e singular, por meio de seus conhecimentos prévios, suas experiências e relações estabelecidas com o mundo.

Em uma perspectiva dialógica, é importante considerar o leitor responsável pela efetiva realização de uma obra literária. Nessa linha, Jouve (2002; 2012) esclarece que o interesse pela leitura teve seu início quando as abordagens estruturalistas começavam a enfraquecer, a partir da percepção de que são inúteis os esforços em querer reduzir o texto literário a uma série de formas. É com a expansão da pragmática que os estudiosos da literatura passam a se interessar pelos problemas da recepção, sobretudo a partir dos estudos sobre a interação no discurso. Assim, “entender uma obra não se limita a destacar a estrutura ou relacioná-la com seu autor. É a relação mútua entre escritor e leitor que é necessário analisar” (Jouve, 2002, p. 13).

Nesse sentido, o dialogismo - conceito bakhtiniano - possibilita examinar a questão da alteridade como presença de um outro discurso no interior do discurso, isto é, entender o texto como espaço dialógico de confluência de vozes discursivas possibilita examinar a construção da alteridade nas práticas textuais, tendo em vista que a presença do outro no discurso pode ser rastreada linguisticamente, por meio das formas gramaticais e com o auxílio do contexto do leitor (Amorim, 2004)

Nesse panorama, a leitura “carece da mobilização do universo do conhecimento do outro – do leitor – para atualizar o universo do texto e fazer sentido na vida, que é o lugar onde o texto realmente está.” (Yunes, 2009). Assim, a leitura é uma prática social que remete a outros textos e outras leituras e se dá num contexto que se configura mediante a interlocução entre autor, texto e leitor (Kleiman, 2012). Logo, ao se ler um texto, qualquer texto, coloca-se em ação todo o sistema de valores, crenças e atitudes que refletem os grupos sociais em que os sujeitos foram criados ou em que estão inseridos.

A leitura não deixa de ser uma interação social, controlada por determinadas comunidades discursivas e regida por regulamentações próprias, em que leitor e autor precisam conhecer regras para que legitimem suas participações. Afinal, “a formação de sentido na língua está sempre relacionada com a formação do horizonte valorativo do grupo social.” (Volóchinov, 2021, p. 238). Dessa forma, compreende-se que o elemento disparador da leitura pode ser representado pela indagação do leitor em

relação ao texto a ser lido, isto é, pelo questionamento que este faz sobre a intencionalidade em procurar/iniciar determinada leitura.

Os sujeitos leem por muitas razões, seja porque na realidade não têm condições de “conhecer” tantas pessoas, com tanta intimidade; porque precisam se conhecer melhor; porque necessitam de conhecimento, não apenas de terceiros e deles mesmos, mas das coisas da vida (Bloom, 2001). Assim, diante das muitas razões para ler, cada leitor constrói estratégias próprias de percepção e de atribuição de significado ao que lê. Essa particularização da leitura é que estimula, por meio de um processo estético, emoções e vivências diferentes no leitor, permitindo-lhe o conhecimento de si mesmo, o reconhecimento do outro, a descoberta do mundo e a (re)significação das experiências vivenciadas em contextos de crise.

Viver um texto significa, assim, importar para sua vida fórmulas emprestadas da obra lida e, nessa concepção, o impacto da leitura na existência do sujeito é mais real do que se imagina. É de fato a “significação” da obra definida como a passagem do texto para a realidade que faz da leitura uma experiência concreta. Logo, o que a maioria dos leitores busca não é uma experiência desestabilizante, mas uma confirmação daquilo que eles acreditam em resposta às suas próprias expectativas (Jouve, 2002).

Para Jauss (1994), a natureza eminentemente libertadora da arte, fundida aos papéis transgressores e comunicativos, evidencia-se pela experiência estética, que é composta por três atividades simultâneas e complementares: a *poiésis*, a *aisthesis* e a *katharsis*, cuja concretização depende da identificação do leitor com a obra. O plano da *poiésis* corresponde ao prazer de sentir-se coautor da obra; o plano da *aisthesis* corresponde ao efeito provocado pela obra, de renovação da percepção do mundo que cerca o leitor. Por sua vez, o plano da *katharsis* corresponde à concretização do processo de identificação do leitor com a obra. “A definição de catarse mostra-se como basicamente mobilizadora: o espectador não apenas sente prazer, mas também é motivado à ação” (Zilberman, 2001, p. 57). Esta função é provocada pela experiência estética e leva o sujeito à adoção de um modelo.

De acordo com Zilberman (2001) o resgate da experiência estética, cujo desdobramento passa pelos três momentos descritos, conclui com a relevância conferida ao processo de identificação. Desse modo, em se tratando de leitoras em privação de liberdade, como propõe esta pesquisa, é possível defender a ideia de uma

experiência de leitura que considere a experiência estética, que leve em conta a realidade prisional e que atue “como propiciadora da emancipação do sujeito”, como portadora de liberdade, ainda que esta não ocorra de fato e que aparte o leitor do seu cotidiano por meio da construção de novos significados, renovando sua percepção de mundo. É nesse sentido que não é possível compreender a hermenêutica literária para fora da experiência produzida pela obra de arte e do seu efeito estético (Zilberman, 2001, p. 51).

Mesmo em um ambiente de controle e de modulação de vontades como a prisão, é inegável a função catártica que a literatura exerce ao estabelecer uma relação dialógica com o leitor e ao promover seu avivamento, por meio de suas provocações e reflexões.

Na próxima seção serão apresentados os resultados da análise dos 4 textos que compõe o *corpus*, a fim de compreender como as leituras contribuem para significar as experiências e as interações sociais no espaço-tempo da unidade prisional.

UMA VOZ QUE FALA POR TANTAS: A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DA LEITURA EM CONTEXTO PRISIONAL

O corpus de análise desta pesquisa foi gerado em oficinas de leitura desenvolvidas no Centro de Integração Social da Penitenciária Feminina de Piraquara. Durante a realização dos encontros foi autorizado à pesquisadora que estivesse diretamente com as participantes em todos os momentos, sem a intervenção direta de policiais penais ou da direção da unidade prisional.

Durante a realização das oficinas, foram produzidos um total de textos que foram analisados para verificar quais estabeleciam maior diálogo com o objetivo desta pesquisa. Após essa análise prévia, foram selecionados quatro textos para constituir o *corpus* de análise. Os textos consistem em escritos de 3, das 15 mulheres, que participaram de todos os encontros e as análises não seguem uma sequência temporal, de acordo com a ordem dos encontros. Algumas das participantes tiveram mais de um texto selecionado para análise.

Produzidos em uma situação de enunciação particular, os discursos se dirigiam à pesquisadora não como tal, mas “enquanto alguém a quem é atribuído um lugar no

sistema de forças e de enunciação no grupo estudado” (Amorim, 2004 p. 84). Deste modo, segundo a autora a tarefa da pesquisa aparece, então, como leitura crítica do texto em que se constitui a realidade sociocultural.

Dentre as histórias de leitura presentes nos textos que compõem o *corpus*, algumas nos motivaram a entendê-las como a materialização da experiência estética, que se efetivou nas relações estabelecidas entre leitoras e leituras. O primeiro texto analisado foi produzido no segundo encontro pela participante Cecília⁶, a partir da leitura da crônica “Hoje eu estou meio romântico”, de Mário Prata, em que há uma relação marcada por submissão e empoderamento. Nesta obra o autor discorre sobre a vida de um casal, utilizando-se de um jogo de palavras em que predominam os adjetivos pequena(o)/grande. A narrativa sobre a jornada conjugal do casal se constrói em torno destes adjetivos.

Em um texto intitulado “Diferenças”, Cecília se coloca inteiramente na narrativa que construiu, inicialmente de maneira impessoal, passando à alternância de vozes discursivas. Nesse sentido, Bakhtin (2015 [1975]) esclarece que a língua é ideologicamente preenchida, uma opinião concreta que mobiliza todos os campos da vida ideológica, afinal a linguagem emerge da interação entre sujeitos situados em contextos específicos. Nessa interação, cada enunciado é uma resposta a outros enunciados e, nesse sentido, observamos que a participante intitula “diferenças” um texto que trata de situações semelhantes às trazidas pelo texto motivador.

Diferenças

No começo tudo é um mar de rosas carinho, romance, presentes, momentos maravilhosos, com o passar do tempo descobrimos o verdadeiro “eu” do ser humano, nunca se esquecendo que pode passar dias, meses, anos nunca conhecemos a pessoa de verdade. Ex: um casamento de 10 anos ainda não é tempo para conhecer realmente seu companheiro(a). Podemos ter filhos, ter uma vida boa, mas até o momento que vem o primeiro grito que machuca por dentro. Somos feitos de sentimentos, as pessoas vão se diminuindo com o passar do tempo e mostrando realmente seu interior (Cecília – CIS PIRAQUARA em referência ao texto 2. -, 2022).

Uso isso como exemplo da minha vida, que deixei meu esposo que era um homem honesto trabalhador um ótimo pai mas não tinha tempo pra mim. Conheci um homem que no começo era o homem dos meus sonhos, me dava café na cama, cuidava de mim quando estava doente, eu pensava encontrei o amor da minha vida. Tudo era um sonho para até eu acordar pra vida e ele me mostrar seu interior (Cecília – CIS PIRAQUARA em referência ao texto 2-, 2022).

⁶ Para a preservação das identidades das participantes, seus nomes foram alterados.

As diferenças apontadas pela participante provavelmente se deem no espaço de sua própria narrativa e não na relação entre seu texto e o texto motivador. Cecília mostra, por meio de sua escrita, a falta de igualdade e, portanto, a diferença no tratamento dispensado a ela ao longo dos anos. Em um determinado momento, a participante se sentiu amada e cuidada por seu companheiro para tempos depois passar à condição de vítima de violência doméstica. Um outro aspecto que pode sustentar a diferença enfatizada por Cecília, diz respeito ao contraste existente entre os dois homens que fizeram parte de sua vida. O primeiro, que era um “homem honesto trabalhador um ótimo pai”, mas não tinha tempo para ela e o segundo, que, de acordo com a participante, no começo era o homem dos seus sonhos, levava café na cama, cuidava quando estava doente, mas que, em um determinado momento, passou a violentá-la

A experiência de Cecília com seu companheiro foi tão traumática que foi lembrada em duas situações, tanto após a leitura da crônica “Hoje eu estou meio Romântico”, do escritor Mario Prata, lida no encontro 2, como após a leitura do conto Maria, de Conceição Evaristo (2016), trabalhado no encontro 7, retomando elementos presentes no linchamento da personagem.

Me batia, me humilhava, me trancava em casa quase me matou, era um usuário de drogas, anos se passaram e eu ali apanhando, ele me batia como se eu fosse um homem, me sentia como se eu fosse a pior pessoa. Tudo isso acabou quando eu cheguei aqui onde estou. (Cecília – CIS PIRAQUARA em referência ao texto 2-, 2022)

Esse exemplo podemos comparar com o fato que acontece em nossa sociedade onde pessoas honestas são vítimas dessas pessoas que querem ganhar a vida fácil tirando a vida de pessoas inocentes, trabalhadoras que sofrem preconceito em seu dia-a-dia. (Cecília – CIS PIRAQUARA em referência ao texto 7- 2022)

Essa história me fez lembrar dos momentos em que eu apanhava de um usuário de drogas onde perdi seis anos da minha vida, troquei meu marido pai do meu filho por um homem que me espancava e me fez chegar aqui onde estou por causa dos seus vícios. A cada chute uma lágrima rolava em meu rosto pedindo socorro, as pessoas olhavam e ninguém fazia nada. Mas confesso que foi com os erros dele que aprendi a ser esta mulher que me tornei hoje e reconstruir meu casamento (Cecília – CIS PIRAQUARA em referência ao texto 7-, 2022)

Assim, em uma atitude de fruição estética, conforme descrito por Jauss (1994), o sujeito é libertado pelo imaginário de tudo aquilo que torna a realidade de sua vida constrangedora. Para Cecília, a leitura é, portanto, uma experiência de libertação. Ao invés de reviver servilmente uma cena idêntica à vivida pela personagem do conto,

Cecília se reinveste em uma mesma cena. Segundo Jouve (2002), a leitura de certos textos permite efeitos de volta, que permitem a ab-reação⁷.

O trauma pode estar relacionado ao modo como o sujeito vivenciou uma situação do seu passado e somente uma nova reação a esse novo acontecimento pode fazê-lo desaparecer, assim a ab-reação explicaria a função catártica da arte. A análise evidencia que não há “limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem nos sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis” (BAKHTIN, 2011, p. 410).

Cecília reage, reconstrói seu casamento e conta sua história e, ao reviver pela leitura as cenas originais de tudo o que passou, ela pode encontrar um novo equilíbrio, modificando sua relação com os acontecimentos pretéritos. A fruição literária nem sempre se apresenta como um campo seguro e nem sempre estará vinculada a sentimentos tranquilos e agradáveis. Ao contrário, Segundo Barthes (2015), pode ser terreno movediço, que possibilita deslocamentos ou experiências impactantes e complexas, como possibilitou à Cecília ao reviver seu trauma.

Como Cecília, outra leitora, Clarice, se coloca em sua narrativa, retomando elementos do texto motivador e mobilizando seus conhecimentos prévios acerca da violência doméstica.

Através desta crônica, consigo reafirmar meus pensamentos de que o comportamento humano varia muito da percepção de cada indivíduo na sociedade.
Hoje em dia infelizmente não é diferente o que acontece nesta crônica, porém, a vítima na vida real geralmente na grande maioria é feminina. (Clarice – CIS PIRAQUARA em referência ao texto 2-, 2022)

No trecho acima podemos verificar a necessidade que Clarice tem de enfatizar, por meio do uso de construções adverbiais, que a vítima é feminina, criando uma relação de oposição com o texto motivador, uma mulher seduzida pela grandiosidade do homem, até descobri-lo pequeno e empoderar-se.

O empoderamento está presente nos textos de Cecília e Clarice e, por meio de suas narrativas, é possível notar que as trajetórias de vida das mulheres privadas de liberdade são marcadas por histórias de submissão, superação e empoderamento.

⁷ Termo psicanalítico que designa a descarga emocional pela qual um sujeito pode se libertar das marcas de um acontecimento traumático (Jouve, 2002 p. 136).

Elas nos dão pistas sobre o funcionamento de um determinado sistema em uma sociedade patriarcal, na qual muitos modelos ainda não foram totalmente superados.

Segundo Jouve (2002), a leitura, recuperando os termos de Iser, é uma dialética entre a espera do que vai acontecer e a memória do que aconteceu. A atividade de previsão apresenta-se com a antecipação dos fatos pelo leitor, depois da validação ou invalidação pelo texto das hipóteses emitidas.

A forma como Clarice leu e interpretou a crônica estabeleceu uma interlocução com os próprios conhecimentos sobre a violência doméstica, resgatados por meio da memória. Estas informações, que lhe chegavam pela razão, foram integradas à sua percepção e colocadas como elementos mediadores no exercício de ler e interpretar. A mobilização dos conhecimentos prévios, além de fazer da leitura uma experiência estética, possibilitou a Clarice ampliar a ação leitora para além do seu tempo de realização

Afinal do seu texto, Clarice destaca que:

A mulher acorda pra vida e se dá conta de como foi mal tratada pelo seu companheiro e resolve dar fim ao seu sofrimento sem pensar nas consequências (Clarice – CIS PIRAQUARA em referência ao texto 2-, 2022)

Para Jouve (2002), o leitor constrói sua recepção decifrando um após outro os diferentes níveis do texto. Em seu deciframento de palavras, o leitor só retém as propriedades necessárias para a compreensão do texto. O ato de “acordar pra vida” está presente nos textos tanto de Cecília como de Clarice, como uma provocação ao resgate de suas memórias. No caso de Cecília, o lembrar se refere à sua própria vida e, no caso de Clarice, ao texto lido. Yunes (1995) sinaliza que o ato de ler, na medida em que apela ao leitor por sua participação, acaba provocando suas memórias e nelas suas posturas, sonhos ou opiniões, por vezes desconhecidas por ele próprio. “O ato de ler convoca ao exercício de pensar e neste, ao ato de se encontrar” (Yunes, 1995 p. 192).

A interação das leitoras com os textos possibilitou inferir que fizeram da leitura uma potência geradora de sentidos. As leituras que Cecília e Clarice realizaram, fizeram-nas questionar suas vivências por meio das reações emocionais que foram provocadas pela leitura dos textos. Também foram postos em xeque acontecimentos

sociais que foram rememorados, por meio do resgate dos conhecimentos prévios, como é o caso da violência doméstica, que a cada ano faz mais vítimas.

Na relação entre leitor e texto estão implicadas histórias e memórias distintas tanto das leitoras como da obra que, no momento da fruição compõem novas redes de significação. O momento da leitura é aquele no qual se entrelaçam estes dois fios. Outros fios, porém, estão relacionados aos dois já mencionados. Tanto Cecília como Clarice trouxeram para suas leituras as pressões exteriores à leitura, como o mundo que as rodeia, as circunstâncias, o lugar e o momento no qual elas leem e utilizaram estes elementos para produzir sentidos.

Outro texto a se considerar neste parâmetro é o de Esperança, também escrito em referência à crônica “Hoje eu estou meio romântico”

No meu ponto de vista esta crônica vem pra nos fazer um alerta nos fazendo uma compreensão de que o príncipe encantado, no cavalo branco, só existe em estórias infantis, ele já começa falando: - Pequena mulher, ela iludida pensa que ele é o grande herói o coloca nessa posição, pois ela acredita no amor, nessa ilusão vai passando muitas coisas despercebidas, a sua grandeza de mulher foi ficando cada vez mais pequena. (Esperança – CIS Piraquara em referência ao texto 2 -, 2022)

Esperança transformou seu memorial de leitura em um texto de opinião, de modo a deixar registradas suas impressões sobre o texto motivador. Em sua produção textual, foram resgatadas leituras prévias de contos de fadas, por meio da imagem do príncipe no cavalo branco empunhando sua espada. No entanto, houve um instante em que estas leituras prévias se fundiram com a do texto motivador, resultando em uma interpretação de um príncipe, que se referia à suposta princesa como uma pequena mulher. O trecho nos oferece pistas linguísticas das convicções de Esperança, como a relação do amor com a ilusão ou sobre a crença no amor que faz com que a mulher deixe de perceber abusos por parte do homem.

Esperança evidencia em seu texto um elemento ainda muito comum à criação de grande parte das mulheres do nosso século. O mito da fragilidade feminina oculto nos contos de fadas, nos quais a princesa aguarda passivamente que o príncipe salvador a liberte do jugo do vilão. A participante se apropria do texto motivador e desenvolve sua narrativa em torno do “apequenamento” da mulher causado por um homem alçado ao patamar de herói.

Para Yunes (1995), a interpretação não é ocorrência linear do que está materializado na linguagem, não é “desocultamento do mistério do texto, mas do mistério do próprio leitor”. Assim, interpretar é um ato de leitura que associa o sujeito ao discurso que o elabora e o explica enquanto se explica.

O texto motivador gerou identificação por parte das leitoras selecionadas, que resgataram elementos das suas realidades para se constituírem como coautoras da crônica lida, acrescentando a ela informações sobre a violência doméstica e sobre a figura do príncipe dos contos de fadas, revelando a leitura como caminho para o abandono da submissão e encontro do empoderamento feminino.

Jouve (2002), ao retomar os conceitos de Jauss sobre a leitura como experiência estética, destaca que a leitura é sempre “tanto libertação de alguma coisa quanto libertação para alguma coisa”. Por um lado, ela desprende as leitoras das dificuldades e imposições da vida real; por outro, ao implicá-las no universo textual, renova suas percepções sobre o mundo.

Os sentidos produzidos pelas leitoras foram diferentes, mesmo diante dos mesmos textos motivadores e assim será sempre, pois, na trama da leitura, tantos serão os sentidos quanto serão os leitores, uma vez que são muitos os sujeitos, com fruições únicas e singulares. Se há um esboço oferecido pelo texto, quem dá os pontos é o leitor. Na trama da fruição, portanto, entrelaçam-se aspectos individuais, únicos do sujeito que, por sua vez, se constituíram socialmente, em um determinado tempo, cultura e lugar.

Nesse sentido, a palavra, como signo ideológico, não apenas reflete “a realidade, mas a interpreta no intercâmbio comunicativo social vivo, na interação verbal viva. Isto ocorre porque as relações de classe, refratando-se nas palavras, impõem-lhe certo sombreamento do significado, incluindo nela certo ponto de vista e dando-lhe certa avaliação. (Volochínov, 2013, p. 200). É, nessa perspectiva, que Cecília fez uma releitura dos comportamentos sociais diante da violência contra a mulher, questionando as normas vigentes, afinal pensar, evocar, rememorar experiências iniciais e posteriores da leitura são gestos que afetam o ato de ler e o impregnam das vivências de cada um, dando-lhe pouco a pouco, a oportunidade de conscientizar-se (Yunes, 1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as dores e descobertas de retratar as experiências de mulheres privadas de liberdade, a leitura assumiu papel de destaque no processo de (re)significação das experiências, uma vez que o espaço do texto conduziu a situações históricas, políticas e sociais, que dialogam com visões cotidianas e com o pensamento humano em tempos e lugares diversos.

Ao observarmos os textos das participantes da pesquisa, cabe destacar a importância dos conhecimentos prévios das leitoras importados para os textos que compõem o *corpus*, sua sensibilidade e todo o contexto no qual tanto o texto quanto a obra estão inseridos. Isso torna a experiência com a leitura algo tão rigorosamente pessoal para o leitor quanto foi a criação para seu autor.

Na análise do *corpus*, ao observarmos as várias leituras de um mesmo texto foram constituídas experiências estéticas diferentes, que se materializaram como a soma da percepção/apreensão inicial de uma criação literária e das muitas reações (emocionais, intelectuais) que estas suscitaram, em função das características específicas postas em jogo pelo autor das obras na sua produção. Estas experiências foram ser desencadeadas por palavras ou imagens, reafirmando a validade da experiência estética como prazer e conhecimento conforme foi possível notar nas narrativas escritas a partir da crônica “*Hoje eu estou meio romântico*”.

Cada sujeito possui seu repertório de leituras, uma trajetória cultural e social, sua história de vida e se insere em determinada comunidade. Sendo diferentes os sujeitos, configuram também, subjetividades múltiplas, diversidade essa que não impede esses indivíduos de compartilhar muitos dos sentidos construídos durante suas leituras. Assim, ao focarmos nas práticas de leitura de mulheres em privação de liberdade, consideramos suas trajetórias pessoais e as formas de sociabilidade que se constroem no ambiente prisional para, deste modo, perceber como este conhecimento de mundo é transportado para a leitura, a fim de construir sua identificação.

A identificação das leitoras com as leituras dependeu de três atividades complementares, descritas por Jauss (1994) como *poiésis*, *aisthesis* e *katharsis* em um movimento no qual as leitoras não somente sentiram o prazer da leitura, mas foram mobilizadas por ela. A análise evidenciou que as práticas de leitura provocaram e interpelaram as leitoras e produziram novos sentidos, interações e experiências. Por fim, foram captadas marcas de uma escrita direcionada para o outro, que carregou

elementos do texto motivador, somados às experiências pessoais de cada participante e direcionadas a provocar uma relação de alteridade com um outro.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, C. N. de. Deixar existir a poesia mais selvagem na tessitura de uma gramática anticolonial (Prefácio). In: SILVA, C. V. M.; LANDULFO, C. (org.). **Suleando conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras**. Brasília: Pontes Editores, 2022. p. 9-12.

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. 1. ed. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015 [1975].

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BLOOM, H. **Como e por que ler**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BRASIL. **Lei nº 7.209, de 11 de julho de 1984**. Altera dispositivos do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 13 jul. 1984. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-7209-11-julho-1984-356852-publicacaooriginal-148882-pl.html>. Acesso em: 23 abr. 2024.

BRASIL, **Resolução nº 1 de 29 de abril de 2008**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 12 mai 2008 – Seção 1 – p. 27. Disponível em: <https://www.gov.br/senappen/pt-br/composicao/cnpcp/resolucoes/2008/resolucao-no-1-de-29-de-abril-de-2008.pdf/view>. Acesso em 23 abr 2024

EVARISTO, C. M. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 39-42.

ISER, W. A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção. Tradução de Maria Ângela Aguiar. **Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, mar. 1999a.

ISER, W. O jogo. *In*: ROCHA, J. C. de C. (org.). **Teoria da ficção**: indagações à obra de Wolfgang Iser. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999b. p. 105-116.

ISER, W. **O ato de leitura**: uma teoria do efeito estético. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1999c. v. 2.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

JOUBE, V. **A leitura**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

JOUBE, V. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marciolino. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2012.

KLEIMAN, A. **Texto & leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 14. ed. Campinas: Pontes, 2012.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17–23, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2024.

PRATA, M. Hoje eu estou meio romântico. *In*: PRATA, M. **100 crônicas de Mario Prata**. São Paulo: Cartaz Editorial, 1997. p. 23-24.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A Construção da Enunciação e outros Ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

YUNES, E. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymará, 2009.

YUNES, E. Pelo avesso: a leitura e o leitor. **Revista Letras**, Curitiba, v. 44, p. 185-196, dez. 1995. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19078>. Acesso em: 03 set. 2023.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura**. 3. ed. Porto Alegre: Uniritter, 2001.

Sobre as autoras

Thays Carvalho Cesar

Professora do curso de Letras, da área de Línguas do Centro Universitário Internacional - UNINTER. É mestra em Estudos de Linguagens, na linha de pesquisa Multiletramentos, discurso e processos de produção de sentidos pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, bacharel em Letras pela

Universidade Federal do Paraná, especialista em Neurociências pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em Criminologia pelo Instituto de Criminologia e Política Criminal e em Direitos Humanos e Movimentos Sociais. Atuou em equipes multidisciplinares com enfoque voltado às neurociências e às relações cérebro-linguagem. Com ampla experiência em coordenação de projetos de ensino/ formação de professores de educação básica, realiza estudos sobre políticas públicas voltadas à educação em Direitos Humanos, sistema penitenciário e impactos da leitura no cotidiano intramuros.

Maria de Lourdes Rossi Remenche

Professora Associada da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR - Curitiba), com pós-doutorado em Ciências da Educação pela Universidade do Minho (UM - PT). Doutora em Linguística pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Estudos da Linguagem (UEL), Especialista em Língua Portuguesa (UEL) e Graduada em Letras Vernáculas e Anglo (UEL). A pesquisadora é docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos das Linguagens/PPGEL, Líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Aplicada (GRUPLA), e desenvolve pesquisas na área de Discurso, Letramentos Críticos, Multiletramentos, Práticas de leitura e escrita na contemporaneidade.